



EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO FLORESTAL NA FAUNA NA ARIE PDBFF

Mario Cohn-Haft

Coleções Zoológicas - Aves, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), C.P. 478, Manaus, AM 69011-970, Brasil - E-mail: mario@buriti.com.br

Ao longo dos 30 anos do Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF), ficou clara a complexidade dos efeitos de fragmentação florestal na fauna amazônica. Como esperado, o tamanho do fragmento e sua distância de áreas fontes fazem uma diferença. Quanto maior o fragmento, de fato, mais a composição de espécies assemelha-se à de floresta contínua. O efeito de borda é importante na alteração das condições de suporte de fragmentos e causa impactos proporcionalmente maiores em fragmentos pequenos. Uma interrupção pequena na cobertura florestal, como mesmo uma estrada vicinal estreita já influencia a capacidade de dispersão de alguns animais e altera seus padrões de ocupação. Mas as manutenções da composição de espécies animais e de suas funções ecológicas dependem também de vários outros fatores e a presença de exemplares de determinadas espécies não necessariamente implica na existência de populações saudáveis e sustentáveis. A perda de espécies em fragmentos é dinâmica, continuando ao longo do tempo e é mais rápida em fragmentos pequenos do que nos grandes. Outros requerimentos ecológicos além de área ocupada são importantes. O tipo de vegetação contida no fragmento influencia na composição de espécies de animais persistentes. Também, enquanto algumas espécies resistem bem aos efeitos da fragmentação, outras não apenas sofrem com a mudança, mas também afetam diretamente a presença de espécies que dependem delas em relações interespecíficas complexas. De forma similar, o “feedback” entre animais e plantas, nos processos de polinização e dispersão de sementes, por exemplo, devem ter impactos de longo prazo em fragmentos. Finalmente, o efeito da fragmentação depende da paisagem onde se insere. A “matriz” ao redor de fragmentos influencia também em sua capacidade de hospedar espécies florestais ou permitir sua passagem entre fragmentos. Assim, pastagem difere de floresta secundária, que por sua vez varia dependendo de seu histórico de uso e tempo de recuperação. Em geral, está claro que a preservação da diversidade faunística depende de grandes áreas intactas e contínuas, e se beneficia com a recuperação de áreas degradadas. Mas a resposta exata à fragmentação depende de muitas peculiaridades locais e temporais que são proporcionais a enorme diversidade biológica da região, ainda sendo descoberta.